
Representação de Heroínas e Vilãs Negras nas Telenovelas Brasileiras¹

Joana Luzia Tápea Pereira²

Valquíria Michela John³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este artigo examina a representação e os estereótipos das mulheres negras protagonistas nas telenovelas do horário nobre (21h) da Rede Globo, de 1980 a 2024. Combina análise quantitativa e qualitativa para entender como essas personagens são retratadas e como essas representações podem impactar a percepção social deste grupo. A pesquisa identifica um aumento no número de protagonistas negras ao longo da última década, embora ainda insuficiente em comparação com a quantidade de personagens brancas. A análise qualitativa estuda as personagens Bebel (Paraíso Tropical), Helena (Viver a Vida) e Morena (Salve Jorge), revelando como persistem estereótipos raciais e de gênero nas diferentes possibilidades de narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Telenovela; Representatividade; Mulher Negra; Protagonismo.

INTRODUÇÃO

Na cultura brasileira, as telenovelas possuem um papel central na formação de valores e percepções sociais. Como produtos que refletem a sociedade, suas narrativas são atravessadas pelo racismo estrutural presente no país. As novelas da Rede Globo, exibidas no horário nobre das 21h, exercem uma influência significativa, alcançando diariamente milhões de espectadores. No entanto, a representação de personagens negras nessas produções, ao longo dos anos, tem sido marcada pela falta de diversidade e pela perpetuação de estereótipos racistas.

Embora representam 55,5% da população brasileira (IBGE, 2022), a população negra ainda é pouco representada ou vista de forma negativa nas narrativas midiáticas, incluindo o entretenimento. Ao compararmos essa representatividade com a presença branca, a diferença ainda é bastante significativa. É importante notar que, nas telenovelas

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e-mail: joanatapea@ufpr.br.

³ Orientadora da pesquisa. Professora Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR. E-mail: valquiriajohn@ufpr.br

brasileiras, é vendida uma imagem ilusória do mito da democracia racial, em que o Brasil é retratado como o paraíso da convivência racial, o que distorce a percepção da realidade e minimiza as questões reais de racismo e desigualdade. Neste sentido, Araújo (2008) critica o modelo apresentado nas telenovelas.

O mito da democracia racial brasileira, apesar de intensamente criticado por amplos setores da população negra, persiste até hoje na indústria do cinema e da telenovela. Caracteriza-se como uma poderosa cortina que dificulta a percepção dos estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros e provoca a falta de reconhecimento da importância dos atores e das atrizes negras na história do cinema e da televisão do país. (Araújo, 2008, p. 979).

Na construção de narrativas, os estereótipos desempenham um papel central na manutenção de estruturas de poder e na definição de identidades sociais. Conforme argumenta Stuart Hall, no seu livro *Cultura e Representação* (1997), os estereótipos afetam as produções de sentido e simplificam a complexidade das identidades humanas, reduzindo indivíduos a um conjunto limitado de características que são vistas como naturais e imutáveis. Hall (1997) ainda aponta que os estereótipos tendem a ocorrer onde há uma discrepância de poder e geralmente são direcionados para grupos estigmatizados e excluídos.

Para entender o impacto destes estereótipos nas narrativas, este artigo propõe examinar a representação de personagens negras que atuaram como vilãs e heroínas (mocinhas e antagonistas) nas novelas das 21h da Rede Globo no período de 1980 a 2024. Através de uma análise quantitativa e qualitativa detalhada de personagens selecionadas, a pesquisa busca identificar padrões de representação, bem como a evolução dessas representações ao longo dos anos.

Com forte apelo nacional, as telenovelas são capazes de influenciar discussões sobre identidade e representação na sociedade brasileira. Como protagonistas emblemáticas e lembradas por diversas gerações, as personagens analisadas de forma qualitativa são Bebel de “Paraíso Tropical”, Morena de “Salve Jorge” e Helena de “Viver a Vida”. O objetivo principal é entender como essas personagens foram retratadas, destacando a importância de uma representação mais diversificada e menos estereotipada nas telenovelas brasileiras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo, tem como recorte as personagens negras que atuaram como vilãs⁴ e heroínas das telenovelas Rede Globo do horário nobre (21h), no período de 1980 a 2024. Para a produção, foi utilizada uma pesquisa documental, desenvolvida como atividade de Iniciação Científica de período anterior, que mapeia dados de 1980 até 2018 sobre personagens protagonistas das novelas das 21h da Rede Globo. Na segunda etapa, a pesquisa mapeou as telenovelas e suas protagonistas de 2019 a 2024.

A coleta e respectiva análise se dá em três etapas. A primeira consistiu em mapear as telenovelas da Rede Globo do horário das 21h exibidas no período de 2019 a 2024. Para tal, foi utilizado o conteúdo do site Teledramaturgia⁵ que procede a um levantamento bastante exaustivo da produção de telenovelas brasileiras, uma espécie de enciclopédia de toda a produção do gênero. Levantamento das sinopses das narrativas exibidas no período, bem como consultados os anuários da Rede Obitel e os sites oficiais das respectivas telenovelas (que ainda estiverem no ar), bem como o site Memória Globo⁶. Nesta etapa, foi elaborado um quadro com as seguintes informações: (1) nome da telenovela; (2) sinopse; (3) heroína e (4) vilã. Também serão incluídas informações sobre autores e diretores das narrativas.

A segunda etapa já direciona o foco para as personagens a serem analisadas – heroínas e vilãs e consiste na análise da caracterização dessas personagens. As categorias que articulam essa classificação, trabalhadas a partir de um quadro (instrumento de coleta de dados) foram: faixa etária, orientação sexual, identidade de gênero, raça/etnia e ocupação profissional. Ainda nesta etapa, foi realizada a análise da configuração das personagens seguindo a proposição da análise de personagem (BRAIT, 2017; CÂNDIDO, 2014). Seguindo a proposição das autoras, foram identificadas as seguintes características nas heroínas e vilãs do período: físicas, sociais, psicológicas, morais e ideológicas.

4 Vilãs são entendidas nesta pesquisa como as antagonistas das mocinhas (aqui chamada de heroínas), e são aquelas que contemplam as características do arquétipo da má, como definido por Silvia Oroz (1999) quanto aos arquétipos femininos presentes no melodrama latino-americano. Conforme definem Silva, Ribeiro e John (2017) a má “[...] é vingativa, é ousada, é rebelde, é odiada, é temida, é desejada, ela desafia a ordem”.

⁵ Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/>

⁶ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/>

Como terceira etapa e foco deste artigo, na análise, ainda em fase de realização, abordamos os estudos étnico-raciais e interseccionais, fundamentados nas obras de Lélia Gonzalez (1984) e Patricia Hill Collins (2020). Para a classificação de representação da mulher negra no audiovisual, utilizamos as tipificações propostas por Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior em seu estudo sobre "Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro" (2019). A análise também se beneficia de referências de representação conforme discutido por Stuart Hall (1997) e Joel Zito Araújo (2008). No conjunto de 18 mulheres não brancas mapeadas no intervalo de 1980 a 2024, até o momento foi realizada a análise desta terceira e última etapa em três personagens (as três primeiras em termos cronológicos). Portanto, os resultados apresentados são o primeiro movimento desse processo e, deste modo, são ainda parciais.

AS MULHERES NEGRAS NAS TELENÓVELAS

A primeira etapa da análise consistiu no mapeamento quantitativo da presença de mulheres negras como protagonistas das narrativas das telenovelas das 21h exibidas entre 1980 e 2024. O recorte recai, portanto, nas heroínas (mocinhas) e vilãs (antagonistas) que constituem o eixo central da narrativa de toda telenovela, daí a importância de olhar especificamente para essas personagens. O gráfico a seguir destaca as disparidades encontradas ao longo das cinco décadas analisadas, sendo que é possível perceber que somente nas duas últimas décadas a presença de mulheres negras como protagonistas das tramas começa a ocorrer:

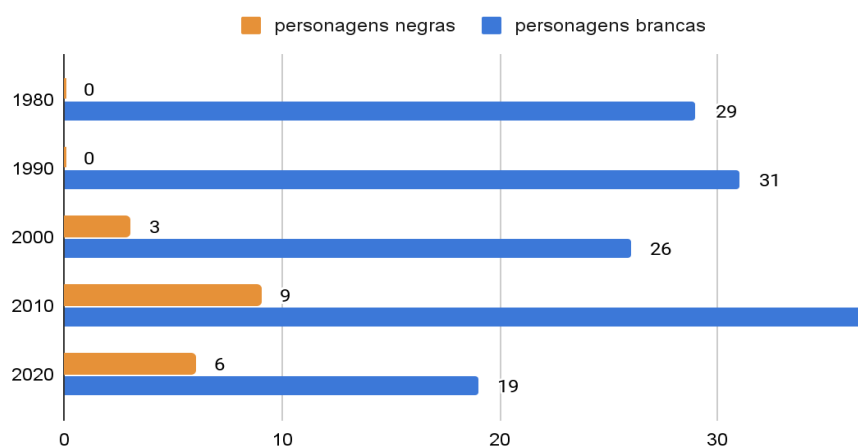


Gráfico 1: Classificação racial de heroínas e vilãs das novelas das 21h de 1980 à 2024.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Como fica evidente no gráfico, a análise documental sobre a representação de personagens negras nas novelas das 21h da Rede Globo, realizada a partir dos dados coletados de 1980 a 2024, revelou um significativo intervalo de mais de 20 anos sem a presença de protagonistas negras. Como apresentado no gráfico 1, das 163 personagens mapeadas, apenas 18 são classificadas como pretas ou pardas. Durante o período de 1980 a 2006, todas as protagonistas das novelas do horário nobre eram personagens brancas e magras, refletindo uma falta evidente de diversidade étnico-racial nas narrativas televisivas brasileiras.

Ao longo do intervalo mapeado, foram identificadas 13 novelas com protagonistas negras. Sendo elas “Paraíso Tropical” (2007), “Caminho da Índias” (2009), “Viver À Vida” (2010), “Salve Jorge” (2012), “Babilônia” (2015), “Velho Chico” (2016), “A Força do Querer” (2017), “Amor de Mãe” (2019), “A Dona do Pedaço” (2019), o remake da novela “Pantanal”, (2022) “Travessia” (2022), “Terra e Paixão” (2023) e o remake da novela “Renascer” (2024). As personagens e respectivas atrizes⁷ que as representaram nessas telenovelas estão descritas no quadro abaixo:

Telenovela	ano	personagem/atriz	heróina ou vilã?
Paraíso Tropical	2007	Bebel/ Camila Pitanga	Vilã
Caminho das Índias	2009	Maya/ Juliana Paes	Heroína
Viver a Vida	2009/10	Helena/ Taís Araújo	Heroína
Salve Jorge	2012	Morena/ Nanda Costa	Heroína
Babilônia	2015	Regina/ Camila Pitanga	Heroína
Velho Chico	2016	Maria Tereza/ Camila Pitanga	Heroína
Velho Chico	2016	Luzia/ Lucy Alves	Vilã
A Força do Querer	2017	Bibi/ Juliana Paes	Heroína
Amor de Mãe	2019	Lurdes/ Regina Casé	Heroína

⁷ Para a classificação étnico-racial das personagens não foram, neste primeiro momento, consideradas as auto-declarações de pertencimento étnico-racial das próprias atrizes. Este aspecto será considerado quanto o conjunto das 18 personagens forem analisadas de modo a verificar como se dá essa relação entre a personagem na tela (classificada pela perspectiva da representação visual) e o processo de heteroidentificação das próprias atrizes.

Amor de Mãe	2019	Camila/ Jéssica Ellen	Heroína
Amor de Mãe	2019	Vitória/ Taís Araújo	Heroína
Dona do Pedaco	2019	Juliana Paes / Maria da Paz	Heroína
Pantanal	2022	Filó/ Dira Paes	Heroína
Travessia	2022/ 23	Brisa/ Lucy Alves	Heroína
Terra e Paixão	2023	Aline	Heroína
Renascer	2023/24	Maria Santa / Duda Santos	Heroína
Renascer	2023/24	Teca / Lívia Silva	Heroína
Renascer	2023/24	Eli ferreira / professora Maria Lúcia	Heroína

Quadro 1: Personagens negras presentes nas telenovelas das 21h de 1980 à 2024.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

A primeira protagonista negra registrada na pesquisa foi a personagem Bebel, de “Paraíso Tropical” (2007), interpretada pela atriz Camila Pitanga. No mapeamento feito, Bebel foi classificada como vilã. De 2010 a 2019, observou-se um aumento no número de protagonistas negras em detrimento às outras décadas avaliadas, com 9 personagens catalogados durante este período. No entanto, esse número ainda é significativamente inferior ao de protagonistas brancas, que somaram 37.

Essa falta de representação reflete as contradições enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade mediante a opressão sistêmica. Patrícia Hill Collins, em sua obra, *Pensamento Feminista Negro Conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (2020), argumenta que a luta por autodefinições próprias, das mulheres negras, é constantemente desafiada pela objetificação externa como "O Outro". Apenas 18 protagonistas negras em um período tão extenso evidenciam não apenas a sub-representação de pessoas negras, mas também a perpetuação de estereótipos e a marginalização das experiências dessas mulheres. Essa dinâmica sublinha como a mídia e o entretenimento, ao não refletir a diversidade e complexidade da sociedade brasileira, contribui para a manutenção de normas que depreciativamente impactam a condição das mulheres negras no cotidiano.

Cor da pele

- Personagens retintas
- personagens não retintas

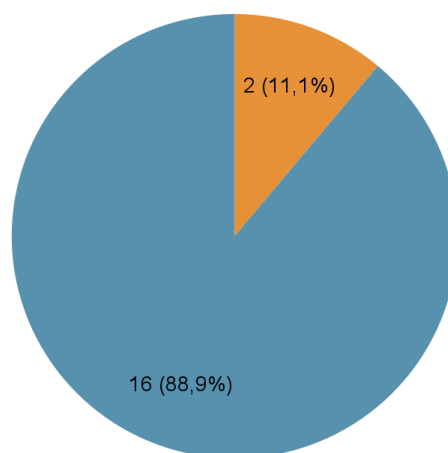


Gráfico 2: Relação de protagonistas negras por tonalidade da pele. **Fonte:** Elaborado pelas autoras (2024)

Outro aspecto relevante da pesquisa foi a análise da tonalidade⁸ da pele entre as protagonistas negras mapeadas. Das 18 personagens, apenas 2 eram retintas (pretas de pele escura), enquanto 88,8% eram mulheres com uma tonalidade de pele mais clara. As duas personagens retintas fazem parte do elenco do remake da novela *Renascer* (2024), sendo Maria Santa, vivida por Duda Santos, e a professora Maria Lúcia, interpretada por Elidiana Ferreira. Consequência do racismo, o colorismo refere-se à discriminação baseada na tonalidade de pele e características associadas às pessoas negras. Quanto menos características negras uma pessoa apresenta, maior é a aceitação ou a passabilidade que ela tende a ter em determinados contextos. Neste sentido, Araújo (2008) critica o modelo apresentado na seleção de papéis de destaque nas telenovelas.

A escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia, em que, quanto mais nórdicos os traços físicos, mais alto ficará o ator ou atriz na escolha do elenco. Os mesmos também receberão as melhores notas nos processos de escolha e premiação dos mais bonitos do ano pelas revistas que fazem a crônica cotidiana do mundo das celebridades. No lado contrário, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos da feiura, da subalternidade e da inferioridade racial e social, de acordo com a intensidade de suas marcas físicas, seu formato de rosto, suas nuances cromáticas de pele e textura de cabelo, portanto de acordo com o seu grau de mestiçagem. (Araújo, 2008, p. 983).

⁸ Como parte do processo da análise das personagens, pretendemos aprofundar a discussão sobre colorismo, inclusive para abordar as diferenças numéricas entre mulheres de pele mais ou menos retintas como protagonistas. Para essa discussão, pretendemos utilizar como referência o livro *Colorismo* de Alessandra Devulsky (2021).

Classificação por classe social das protagonistas negras

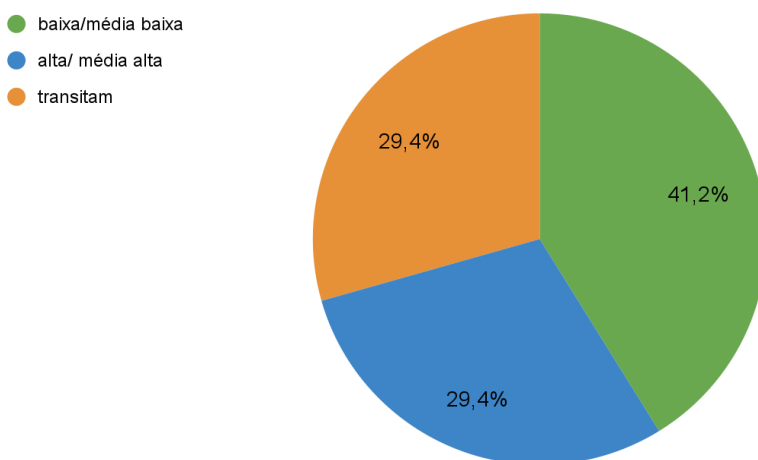


Gráfico 3: Porcentagem da classificação social de protagonistas negras de 2007 a 2024.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Ocupação protagonistas

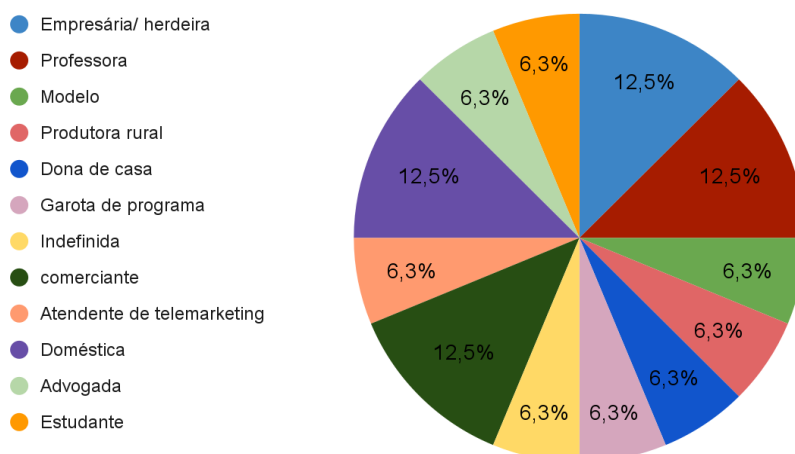


Gráfico 4: Mapeamento de profissões exercidas pelas protagonistas negras nas novelas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Além disso, a pesquisa identificou as classes sociais das protagonistas. Como apresentado no gráfico 3, 41,7% (7) das personagens estavam classificadas como pertencentes à classe baixa ou média baixa. Dessas, 29,4% experimentaram uma ascensão de classe durante a trama, frequentemente transitando de uma situação de classe baixa para alta- como no caso da personagem Regina da novela “Babilônia” (2015), vivida por Camila Pitanga. No entanto, essa mudança de status social nem sempre é retratada de

maneira positiva. Por exemplo, a ascensão das personagens Bibi Perigosa, vivida por Juliana Paes em “A Força do Querer” (2017) e Bebel, de “Paraíso Tropical” (2007), envolvia situações moralmente questionáveis, envolvendo situações de corrupção e crime.

Ao todo, foram identificadas 11 ocupações exercidas pelas personagens ao longo das tramas. Apenas três profissões — advogada, empresária e modelo — apresentavam um status social elevado e certo poder. Os exemplos podem ser observados nas narrativas da advogada Vitória de em “Amor de Mãe” (2019), da empresária Maria Teresa e da herdeira e produtora rural Luiza de “Velho Chico” (2016), e da modelo Helena de “Viver a Vida” (2010).

As demais profissões estavam classificadas como papéis de cuidado, professoras, lavadeiras, faxineiras e donas de casa, ou profissões de menor remuneração e prestação de serviços, como atendentes de telemarketing, comerciantes e garotas de programa. Esses dados reforçam a tendência, atravessada pelo racismo no contexto brasileiro, de atribuir à população negra papéis sociais subalternos. Na visão naturalizada do racismo cabe à mulher negra apenas o local de servidão, em papéis como cozinheira, servente, trocadora (Gonzales, 1984).

O PAPEL DA MULHER NEGRA NAS NOVELAS PARAÍSO TROPICAL, VIVER À VIDA E SALVE JORGE

Emblemáticas por serem as primeiras protagonistas negras a ganhar destaque nas novelas das 21h da Rede Globo, Bebel em “Paraíso Tropical” (2007), Helena em “Viver a Vida” (2010) e Morena em “Salve Jorge” (2012) oferecem um ponto de partida crucial para a análise das representações de mulheres negras na televisão brasileira. Essas personagens não apenas romperam com décadas de ausência de protagonismo negro nesse horário nobre, mas também introduziram novas dinâmicas narrativas e desafios interpretativos para entender como as complexidades raciais são abordadas nesse formato de entretenimento tão popular no país.

Para contribuir no entendimento das representações das mulheres negras, usamos a tipificação apresentada por Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior, em seu artigo “Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro” (2019). No texto, os autores tipificam 7 estereótipos utilizados na representação de mulheres

negras no cinema nacional, sendo eles (1) mulata; (2) favelada; (3) crente; (4) trombadinha; (5) revoltada ou militante; (6) empregada; e, (7) batalhadora.

Na trama de *Paraíso Tropical* (2007), Bebel é uma jovem adulta de aproximadamente 20 anos. Com características de uma mulher ambiciosa e individualista, Bebel está determinada a melhorar sua vida a qualquer custo. Ela trabalha como garota de programa sob a supervisão de um cafetão no calçadão de Copacabana. Sua trajetória na novela se desenvolve principalmente a partir de seu tumultuado romance com o vilão Olavo, interpretado por Wagner Moura.

Devido à sua profissão como garota de programa, em grande parte da narrativa Bebel aparece com roupas curtas e decotadas, geralmente enfeitadas com brilhos e estampas de onça. A escolha da profissão é atravessada pelo racismo, a caracterização contribui para a sexualização da personagem, uma representação recorrente de mulheres negras na mídia. Neste contexto, a personagem se encaixa no estereótipo da “Mulata”. Para Lélia Gonzalez (1984), essa condição destaca que as mulheres negras são frequentemente vistas como objetos de desejo, exóticos e hipersexualizados. Gonzalez (1984) argumenta que essa representação não só reforça a objetificação, mas também perpetua a ideia de que a mulher negra tem valor apenas em termos de seu apelo sexual.

Ao longo da trama, a personagem sonha com sua ascensão social, levando-a em determinado momento a fazer aulas de etiqueta na tentativa de se adaptar aos padrões da elite branca. O mito da democracia racial sustenta a ideia de meritocracia, em que o sucesso é visto como resultado exclusivo do esforço individual, ignorando as barreiras estruturais que afetam principalmente as pessoas negras (Gonzales, 1984). Em uma cena, Bebel conversa com Olavo em uma festa de casamento com apenas uma frase: “Que boa ideia este casamento esse casamento primaveril em pleno outono”. No diálogo, a personagem justifica a repetição excessiva da frase para evitar dar “pinta” de sua classe social. Para ganhar a passabilidade ou poder e privilégio em certos espaços, muitas vezes pessoas negras precisam se distanciar de suas características, adotando comportamentos e aparências que se alinhem aos padrões brancos. Assim o racismo perpetua a desigualdade enquanto mantém a fachada de uma sociedade igualitária.

Essa aproximação de padrões brancos pode ser identificada também no arco narrativo da personagem Helena da novela “*Viver à Vida*” (2010), escrita por Manoel Carlos. Apresentada como uma mulher dócil, voluntariosa e determinada, Helena é a

típica protagonista dos romances do autor. Com um condição social estabilizada e de classe social alta, a personagem é um modelo internacional de sucesso. A caracterização de Helena é feita com roupas elegantes, de tecidos como alfaiataria, e não muda ao decorrer da novela. Interpretada pela atriz Taís Araújo a personagem é apresentada à narrativa com seus cabelos crespos.

Apesar de apresentar uma complexidade que quebra alguns estereótipos tradicionais, em determinados momentos da trama fica evidente que os efeitos de marginalização e humilhação ainda persistem. Um exemplo claro é sua relação com a ex-mulher do seu parceiro romântico, a personagem Tereza, interpretada por Lília Cabral. No enredo, Helena é casada com Marcos, vivido pelo ator José Mayer, que é 20 anos mais velho. Recém separado, ele possui três filhas. Uma delas, Luciana, é colega de profissão de Helena. Durante uma viagem Luciana e sua então madrasta sofrem um acidente de ônibus. A enteada acaba perdendo o movimento das pernas em decorrência da tragédia. Inconformada com a situação, Luciana e Tereza culpam Helena pelo ocorrido. Em uma cena intensa, a personagem chega a se ajoelhar e pedir perdão à Tereza, sendo humilhada com um tapa em resposta.

Esse momento revela como, apesar de sua posição privilegiada, a protagonista ainda é submetida a humilhações, refletindo dinâmicas de poder e hierarquias sociais que afetam as mulheres negras mesmo em contextos onde se espera uma superação de estereótipos. Essa narrativa ilustra a persistência de representações negativas e limitadoras para mulheres negras na mídia, mesmo quando os personagens são apresentados como pertencentes a classes sociais mais altas. Para Collins (2020) os papéis sociais de mulheres brancas e negras se diferem nas imagens de controle exercidas pela opressão sistêmica:

Diferentemente das imagens controladoras desenvolvidas para mulheres Brancas de classe média, as imagens controladoras aplicadas às mulheres Negras são tão uniformemente negativas que praticamente forçam à resistência. Para as mulheres Negras dos Estados Unidos, o conhecimento construído do self emerge da luta para substituir imagens controladoras por conhecimento autodefinido considerado pessoalmente importante, geralmente um conhecimento essencial à sobrevivência das mulheres Negras. (Collins, 2020, p.6).

No arco narrativo da personagem Morena, de “Salve Jorge” (2012), podemos notar a junção de alguns estereótipos. Descrita como uma personagem forte e madura,

Morena é moradora do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, e trabalha como faxineira para ajudar no sustento da família. Ela também foi mãe muito cedo, adicionando mais uma camada de responsabilidade à sua vida.

Essa construção narrativa insere Morena no estereótipo da "favelada" e "empregada", conforme apresentado por Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior (2019). O estereótipo da "favelada" retrata mulheres negras como residentes de áreas urbanas marginalizadas, frequentemente associadas a dificuldades econômicas e sociais. Essa representação perpetua a visão de que as mulheres negras estão confinadas a ambientes de pobreza e violência, reforçando uma imagem limitada e estigmatizada. Neste sentido, Lélia Gonzalez (1984) critica o sistema de separação entre dominados e dominadores:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos "habitacionais" (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (Gonzales, 1979c).

Além disso, o estereótipo da "mãe" é recorrente na mídia, em que as mulheres negras são frequentemente apresentadas como figuras maternas sacrificiais, cuja identidade gira em torno do cuidado e da abnegação pela família. (Gonzales, 1984). No caso de Morena, sua responsabilidade como mãe e provedora é central à sua narrativa, consolidando ainda mais sua imagem como uma mulher que luta incansavelmente para proteger e sustentar seus entes queridos, mas cuja vida é marcada por dificuldades e sacrifícios.

Na trama, a personagem Morena aceita uma proposta de trabalho na Turquia, na esperança de proporcionar uma vida melhor para sua família. A proposta envolve trabalhar no meio artístico, e Morena, cheia de esperanças, aceita. No entanto, ao chegar lá, ela se torna uma vítima de tráfico humano juntamente com outras mulheres e se vê obrigada a trabalhar com prostituição.

A trajetória de Morena, sendo enganada e traficada para a prostituição, ilustra como o racismo e o sexismo se interseccionam para subjugar-la. As mulheres negras são frequentemente limitadas a papéis de exploração sexual, ou a papéis de servidão no cotidiano, destacando assim os estereótipos da mucama, mulata exportação e mãe preta, que perpetuam a marginalização e exploração dessas mulheres na sociedade brasileira (Gonzales, 1984). O estereótipo da mulata exportação também está conectado ao colorismo, tendo em vista que as personagens vivenciadas por Camila Pitanga e Nanda Costa são mulheres negras com a tonalidade de pele mais clara.

Apesar de terem vivido experiências trágicas no decorrer das novelas, no encerramento, as três protagonistas vivenciam um final feliz. Bebel, consegue sua ascensão social ao se casar com um político investigado em um processo de corrupção. Helena separa do marido e, largando uma relação conturbada, volta a trabalhar como modelo. Morena consegue fugir de seus sequestradores e voltar ao Brasil, denunciando a organização criminoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado na pesquisa, houve um aumento no número de personagens negras na última década, indicando uma melhora na inclusão. No entanto, a qualidade da narrativa dessas personagens ainda levanta preocupações significativas. Embora os resultados aqui apresentados sejam parciais, uma vez que até o momento foram analisadas apenas três das 18 personagens mapeadas, os modos de representação das três primeiras protagonistas negras da telenovela das 21h já sinaliza um cenário problemático. É necessário repensar as imagens de controle (Collins, 2019) a que essas personagens ainda são submetidas. Evitando a perpetuação de estereótipos racistas que estigmatizam e interferem na percepção social desse grupo. Algumas obras mapeadas tentaram reverter certos estereótipos, como foi o caso da personagem de Helena em "Viver à Vida". Entretanto, grande parte das personagens apresentam um arco narrativo fundado na falta de reconhecimento, em papéis subalternos, na objetificação sexual ou trajetórias de sofrimento.

As telenovelas, como uma parte fundamental da cultura brasileira, têm o poder de promover debates significativos e influenciar o pensamento, as visões do público.

Portanto, é crucial que elas não apenas incluam mais personagens negras, mas também garanta que essas representações sejam complexas e multidimensionais. Dado que pessoas negras formam um grupo social majoritário no país, a diversidade física e social presente nessa parcela da população é vasta. As novelas devem refletir essa pluralidade, em vez de perpetuar estereótipos que reforçam o racismo sistêmico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na telenovela, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n.3, p. 979-985, set./dez. 2008.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro Conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, p. 223–244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. (1979c). O papel da mulher negra na sociedade brasileira (*mimeo, Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, 10- 12 maio de 1979*).

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Editora PUC-Rio, 2016.

IBGE. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda** | Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 22 mar. 2024.

NASCIMENTO, Rosânia do. COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/29460>. Acesso em: 27 jun. 2024.